

MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA: NOTAS ACERCA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIACRÔNICA BASEADA NO USO

*LANGUAGE CHANGE IN A CONSTRUCTIONIST PERSPECTIVE: NOTES ON USAGE-BASED
DIACHRONIC CONSTRUCTION GRAMMAR*

Diego Leite de Oliveira¹

Karen Sampaio Braga Alonso²

Este número temático da Revista Linguística dedica-se à Gramática de Construções Diacrônica Baseada no Uso, ou simplesmente Gramática de Construções Diacrônica (GCD, para fins de economia). Antes de discutirmos a GCD, porém, é importante termos em mente, como ponto de partida comum, alguns aspectos pertinentes a todas as versões da Gramática de Construções (GC) e, mais especificamente, entendermos as premissas básicas que fazem da GCD uma versão da GC tida como baseada no uso, dedicada ao estudo da mudança linguística.

Qualquer abordagem teórica de orientação construcionista assume ao menos dois postulados fundamentais, sobre os quais discorreremos brevemente. O primeiro deles é o de que o elemento básico de descrição gramatical é a construção – uma unidade simbólica convencionalizada, que alia, por um lado, forma (fonológica, morfológica e/ou sintática) e, por outro lado, função (semântica, pragmática e/ou discursiva). Um ingrediente comum à caracterização de construções, proposto por todas as versões construcionistas, reside na não previsibilidade, ou seja, uma construção pode ser postulada quando algum aspecto de sua forma ou de sua função não é estritamente previsível de suas partes componentes ou diretamente de outras construções já existentes³. Ao assumir essa perspectiva, o pesquisador construcionista aplica tratamento uniforme para todos os fenômenos linguísticos passíveis de análise no modelo, de modo a incorporar tanto o aspecto regular quanto o aspecto idiomático da língua na descrição gramatical. Esse tipo de tratamento é diferente do que tradicionalmente costuma ocorrer com outras abordagens linguísticas, de base não construcionista, que, não raro, adotam posicionamentos distintos para o que é regular – tido geralmente como central – e para o que é idiomático – tido como periférico.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diegooliveira@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0003-0601-4131>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), karensampaio@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0002-7853-0015>.

³ Uma das definições do conceito de construção mais influentes pode ser encontrada em Goldberg (1995, p. 4), para que C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um pareamento forma-significado <Fi, Si>, de modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente previsível a partir das partes que compõem C ou de construções estabelecidas previamente. Nessa descrição, o fator da previsibilidade é trazido em primeiro plano, pautado pela concepção de que em muitos casos as unidades linguísticas exibem valor não composicional em que o significado do todo não pode ser previsto a partir das partes que o constituem.

O segundo postulado fundamental inerente a qualquer abordagem construcionista refere-se ao modo de representação do conhecimento linguístico de um indivíduo. Segundo a GC, a língua consiste em um inventário de unidades linguísticas altamente estruturado, o qual se organiza hierarquicamente na forma de uma rede de construções gramaticais: o assim chamado *constructicon*⁴, definido por alguns pesquisadores construcionistas como um *continuum* léxico-sintaxe (por outros, como uma espécie de grande léxico) e composto por construções de diversos tipos⁵. Ao postular que a gramática consiste em um inventário estruturado de construções, organizado na forma de uma rede, não somente cabe ao pesquisador descrever fenômenos da língua como pareamentos de forma e função (as construções), mas também indicar o modo como a construção a ser descrita pode ser localizada de um modo coerente nessa rede através de relações de diversos tipos⁶. A partir desse ponto é que surgem algumas distinções entre os modelos construcionistas vigentes.

Isso se dá porque nem toda versão da GC adota exatamente a mesma concepção de rede. Aqui emergem distinções quanto ao modo de representá-la formalmente⁷, bem como em relação às premissas sobre como ela emerge e sobre como se consolida como conhecimento linguístico internalizado. Com relação a esse aspecto, é possível dizer que existem versões da GC de base formalista – que não serão abordadas neste volume temático – e versões da GC tidas como baseadas no uso⁸, essas últimas, sim, de suma importância para esta apresentação.

O compromisso comum de todas as abordagens construcionistas baseadas no uso (inclusive a GCD), ainda que com maior ou menor grau de ênfase a depender da versão, diz respeito à concepção de que a gramática, enquanto representação do conhecimento linguístico, emerge a partir da associação entre habilidades cognitivas de domínio geral e experiência linguística, mediada pela interação dos usuários em uma dada comunidade. Assim, processos cognitivos como associação, categorização, raciocínio analógico, segregação figura-fundo, entre outros, são aplicados a dados da experiência que o usuário tem com a língua, de modo que seja possível abstrair a experiência concreta em uma representação cognitiva de caráter emergente, na forma de rotinas cognitivas, ou seja, padrões recorrentes de ativação neural⁹.

⁴ Goldberg (2006); Hilpert (2014)

⁵ Na literatura construcionista é possível ver descrições distintas sobre o *constructicon*, que em tese buscam mostrar o tratamento homogêneo que reside na base de unidades convencionalizadas que pareiam forma e função. A propósito conferir Croft (2001), Marques et al (2018), Diessel (2019).

⁶ Essas relações são discutidas de forma rica em termos de links taxonômicos. Mas para ter um panorama sobre o potencial de descrição do modelo de redes nos termos dos diversos níveis de relações veja Diessel (2015 e 2019).

⁷ Com formalismo bem especificado, admitindo-se a postulação de construções especificação formal, porém sem especificação de significado, ou versões que não adotam qualquer tipo de formalismo, além de não admitirem postulação de construções com especificação de forma sem especificação de significado. A esse propósito, conferir Hilpert (2014)

⁸ Um excelente panorama sobre as principais versões construcionistas – baseadas no uso e não baseadas no uso – pode ser conferido em Hoffmann e Trousdale (2013). Para uma leitura em língua portuguesa, conferir Pinheiro (2016) e Pinheiro, Silva e Freitas Júnior (2023).

⁹ Para um panorama sobre processos cognitivos e sua correlação com o uso da língua, conferir Barlow; Kemmer (2000);

Desse modo, não se deve imaginar as unidades linguísticas como estanques, discretas e armazenadas em determinada localidade no cérebro como em algum dispositivo semelhante a uma “biblioteca” ou “pen-drive” mnemônico. Pelo contrário, segundo Barlow e Kemmer (2000), as unidades da língua são parte da atividade de processamento linguístico, de modo que a informação representada por essas unidades reside em padrões de conectividade (incluindo forças de ativação distintas), resultantes de ativações pregressas. Posição similar adota Diessel (2019), para quem, na psicologia cognitiva contemporânea, a memória é compreendida como um conjunto de mecanismos referentes ao processamento e à organização do conhecimento, correspondendo a um grupamento de elementos conceptualmente relacionados e com valores de ativação graduais na mente de um indivíduo. Dessa forma, quanto mais frequente é a unidade processada, maior força ela assume, abrindo espaço para uma representação redundante na rede de construções, de modo que tanto unidades de forma e função não previsíveis como unidades totalmente previsíveis, desde que recorrentemente utilizadas, podem ser representadas na rede.

Essa representação de formas não previsíveis e de formas que, mesmo previsíveis, estão representadas na rede por conta da recorrência de ativação a partir do uso abre um espaço significativo de gradiência e variação na língua, em diversos níveis de representação. Como nenhum usuário de línguas naturais está o tempo todo exposto ao mesmo contexto de uso, ou seja, cada indivíduo tem uma experiência bastante particular com a língua, é de se esperar que cada usuário tenha um *constructicon* próprio, com representações gradientes e níveis de abstração distintos. Essas informações são influenciadas por diversos fatores de ordem cognitiva, estrutural, social e interacional combinados. Isso explica por que cada indivíduo tem seu modo particular de utilizar a língua – ainda que indivíduos que interagem mais em uma comunidade de fala tendam a utilizar a língua de modo mais parecido¹⁰ –, além de explicar também por que julgamentos de gramaticalidade apresentam gradiência e variação entre indivíduos¹¹. Dada, portanto, a importância da frequência para a abstração do sistema linguístico do falante, a observação de dados concretos de uso da língua se faz profundamente relevante para a consolidação empírica de uma perspectiva teórica baseada no uso.

Vistos os aspectos gerais da GC, compreendendo o que faz da GCD uma abordagem construcionista baseada no uso, passamos, agora, à discussão mais específica dessa perspectiva que, conforme já dito no início desta apresentação, se coloca como uma versão específica da GC baseada no uso, dedicada ao estudo da mudança linguística. Como em modelos baseados no uso de um modo geral, em GCD, a língua é considerada um sistema adaptativo complexo¹² e é analisada enquanto

Bybee (2010); Diessel (2019); Schmid (2020).

¹⁰ Dado o processo de convencionalização, mediado pela necessidade de os falantes fixarem padrões sonoros e construcionais para serem compreendidos. Dada a necessidade de compreensão, a convencionalização atua no sentido de reforçar esses padrões sonoros e construcionais, contribuindo para sua relativa estabilidade. Para maiores informações, conferir Bybee (2015).

¹¹ Conferir Bybee (2010), Dabrowska (2018).

¹² Para um panorama sobre a concepção de língua como um sistema adaptativo complexo, conferir Hopper (1988),

um fenômeno emergente, de modo que o uso da língua se torna o *locus* da mudança linguística¹³. Como o sistema linguístico é abstraído a partir de instâncias concretas de uso da língua, mudanças sutis na forma como a língua é usada podem ser abstraídas, representadas na rede dos indivíduos e disseminadas em uma comunidade linguística. Dessa forma, Sommerer e Smirnova (2020) argumentam que o pesquisador que se propõe a modelar o sistema linguístico em uma perspectiva construcionista (baseada no uso) deve enfrentar como desafio o fato de que o *constructicon* muda constantemente. Segundo as autoras, as versões atuais da GCD debruçam-se sobre uma agenda de trabalhos que concebe a mudança linguística como mudanças na rede de construções da língua. Essas mudanças podem ser compreendidas conforme as dimensões a seguir: (i) mudanças internas aos nós; (ii) mudanças externas aos nós; (iii) criação ou perda de nós na rede.

As próprias autoras são reticentes quanto à validade de divisão da agenda segundo essas dimensões, pois muitos dos parâmetros utilizados para investigar mudanças na rede linguística podem estar correlacionados a mais de uma das dimensões especificadas no parágrafo anterior. Observe-se, por exemplo, o que se assume como “mudanças construcionais”, na GCD¹⁴. Segundo Traugott e Trousdale (2013), mudança construcional é o tipo de mudança que afeta alguma dimensão interna de uma construção existente na língua, sem envolver a criação de um novo nó na rede. Como na descrição básica de uma construção na visão construcionista, construções são pareamentos de forma e significado (em sentido amplo), é de se esperar que as mudanças possíveis de ocorrer se dão no plano da forma ou do significado. Para observar essas mudanças, podem ser utilizados diversos parâmetros, sendo comum o estudo de mudanças na produtividade, esquematicidade, analisabilidade ou composicionalidade de uma construção¹⁵, que podem aumentar ou diminuir no decorrer do tempo. De acordo com Sommerer e Smirnova (2020), parâmetros como esses, propostos para o estudo de mudanças construcionais e compreendidas, portanto, como mudanças internas aos nós, podem acarretar uma reconfiguração na rede de construções, o que se caracteriza como um tipo de mudança externa aos nós. As autoras argumentam, ainda, que, embora produtividade e esquematicidade, por exemplo, sejam propriedades características do pareamento forma-significado, ambas correspondem a mudanças na posição do nó (por exemplo, ele pode se mover na relação hierárquica entre construções) ou novos links podem surgir para relacionar construções.

No que se refere à emergência de novos nós na rede de construções de uma língua, alguns pesquisadores defendem a proposta de construcionalização. Segundo Traugott e Trousdale (2013), o termo construcionalização parece ter sido utilizado originalmente por Rostila (2004) e Noël (2007). Este

Larsen-Freeman (1997), Barlow e Kemmer (2000) e Beckner *et al.* (2009).

¹³ Nesse sentido, conferir Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2013, 2021), Barddal e Gildea (2015), Diessel (2019), Sommerer e Smirnova (2020).

¹⁴ Para um apanhado interessante sobre mudanças construcionais, conferir Bergs e Diewald (2008), Hipert (2013), Traugott e Trousdale (2013), Barddal, Smirnova, Sommerer e Gildea (2015).

¹⁵ Conferir Traugott e Trousdale (2013).

último, de um modo mais substancial, declaradamente iguala construcionalização a esquematização, como um processo de formação de novas construções parcial ou totalmente esquemáticas na língua¹⁶, o que poderia causar não somente o surgimento de um novo nó na rede, mas, mais uma vez, ocasionar a reconfiguração da rede em si. Já os referidos Traugott e Trousdale exibem uma definição de construcionalização mais detalhada, segundo a qual, para que haja construcionalização, é necessário que emergja um novo pareamento, que envolva tanto mudança de forma como mudança de função, fazendo com que um novo nó na rede construcional passe a existir.

A definição de Traugott e Trousdale, diferentemente da de Noël (2007), abrange tanto o nível mais esquemático das construções, requerendo a sucessão de micropassos de mudança, como o nível menos esquemático, que envolve as microconstruções, nesse último caso admitindo tanto um processo de mudança gradual – o que geralmente ocorre com construções caracterizadas pelos autores como procedurais (ou seja, construções mais gramaticais, que vinculam significado abstrato que sinaliza relações gramaticais, perspectiva e orientação dêitica) – como um processo de mudança instantâneo – o que geralmente se dá com microconstruções de conteúdo (ou seja, aquelas que expressam conteúdo lexical e podem exercer função referencial).

Como em toda abordagem teórica em processo de desenvolvimento, é comum haver discordâncias em relação ao tratamento adotado na formalização e observação empírica de um conceito ou outro. No caso da GCD, o debate teórico em relação ao conceito de construcionalização não passou imune. Aqui, é possível citar a revisão crítica de Börjars, Nigel e Walkden (2015), acompanhada das reflexões teóricas de Hilpert (2021) acerca da proposta de construcionalização, na versão de Traugott e Trousdale (2013). As críticas e discussões residem fundamentalmente sobre a dificuldade de se estabelecer com precisão os limites do processo de construcionalização e sua relação com os estágios de pré e pós-construcionalização, além do fato de, às vezes, ser difícil distinguir o processo de construcionalização do processo de mudança construcional. Essa dificuldade leva Börjars e colegas a questionarem quando estabelecer com certeza que uma construção é uma nova construção no constructicon e quando ela não é a mesma construção que passou por algum processo de mudança, seja na forma, seja na função, ou em ambas.

Em seu artigo de 2018, reapresentado em livro de 2021, Hilpert levanta a questão sobre quando uma nova construção é uma nova construção (HILPERT, 2021, p. 65) e salienta que a definição, tal como postulada por Traugott e Trousdale (2013) parece muito clara no papel, mas que, ao se observarem dados concretos, o que se tem é sempre uma sequência de mudanças que, no final, *conspiram para parecer construcionalização* (HILPERT, 2021, p. 68). Em outras palavras, o que Hilpert diz é que construcionalização não é algo objetivamente dado, mas sim, algo que depende da perspectiva adotada e do recorte temporal feito pelo pesquisador¹⁷.

¹⁶ Conferir Noël (2007, p. 192).

¹⁷ Acompanhe a discussão que autor apresenta em relação ao verbo *confirm* em Hilpert (2021, p. 68).

De fato, o conceito de *construcionalização* vem gerando um rico debate no campo dos estudos diacrônicos associados ao modelo construcionista de gramática. Trousdale menciona que ele e Elizabeth Traugott revisitaram o conceito de construcionalização, passando a defini-lo como o “estabelecimento de um novo link simbólico entre forma e sentido que vai sendo replicado por uma rede de usuários de uma língua e que envolve uma adição ao *constructicon*” (TROUSDALE, 2021). Nesse sentido, ganha destaque o entendimento de que construcionalização está diretamente associada ao espalhamento gradual de uma forma linguística entre os membros de uma comunidade, ou seja, a algo de cunho social e não individual – que, por sua vez, se relaciona mais ao que os autores entendem como inovação.

Os conceitos de construcionalização e inovação, entre outros, foram bem desenhados por Traugott e por Trousdale na entrevista que introduz o presente número da Revista Linguística, o qual, oportunamente, celebra os dez anos de publicação de *Constructionalization e Constructional Changes*, obra de referência no âmbito da GCD. Na entrevista, eles relembram os aspectos motivadores da escrita do livro, seu percurso teórico até o compromisso com a perspectiva teórica adotada para os processos de construcionalização e mudanças construcionais, discutem as contribuições decorrentes do debate teórico que emergiu após a publicação do livro e discorrem sobre suas concepções teóricas e interesses de pesquisa atuais, dez anos depois da publicação do material.

Na seção de artigos, o trabalho traz cinco contribuições, em diálogo ou fundamentadas pela GCD. A primeira dela, de Luis Felipe Lima e Silva e Sueli Maria Coelho, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, tem como título *Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica*. No artigo, os autores investigam o desenvolvimento histórico da construção [meio que], do século XVI ao XXI, a partir de dados disponíveis no banco de dados Corpus do Português, argumentando que a trajetória de mudança dessa construção se dá no plano *nome > advérbio > marcador discursivo*, de modo similar ao que propõem ter ocorrido com as construções equivalentes do inglês – [kind of/kinda] – e do espanhol – [en plan (de)].

O segundo artigo do número, intitulado *Compostos com fobia na língua portuguesa: um estudo construcional em perspectiva diacrônica*, é de autoria de Nival Almeida Simões Neto, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Antonia Vieira dos Santos, da Universidade Federal da Bahia, e de Ian Lezan Salvador, também da Universidade Federal da Bahia. No trabalho em pauta, os autores discutem, à luz da morfologia construcional associada às contribuições de Traugott e Trousdale, no âmbito da GCD, os processos de mudança de compostos com -fobia, desde o grego, passando pelo latim, até sua inserção no português, no século XVI, com dois processos de proliferação, a saber, nos séculos XIX, em que se observa a semântica de medo, associada ao aspecto psicopatológico, recorrendo a bases eruditas para a formação de lexemas, e XXI, em que o padrão X-fobia se prolifera associado a bases mais simples de caráter vernacular. Nesse sentido, os autores sugerem que tenha ocorrido um processo de construcionalização em português, com mudanças tanto na forma – que

passam tanto pela gramaticalização de -φόβος, no grego até a vernacularização dos elementos que preenchem o slot X no esquema X-fobia, em português – quanto no significado – que incluem a especialização da semântica de medo no que os autores denominam “medo patológico”, assim como a mudança de medo para os conceitos de aversão, ódio, preconceito.

A terceira contribuição é de Ana Cláudia Machado Teixeira, da Universidade Federal Fluminense e intitula-se *Marcadores discursivos como instâncias da construção VLOC_{MD}: um estudo de caso de construcionalização*. No artigo, a autora, através da análise de instâncias de uso da sequência *vem cá*, explora a sequência em um campo mais abstrato, como uma microconstrução do esquema abstrato VLOC_{MD}.

Monclar Guimarães Lopes e Simone Josefa da Silva, ambos da Universidade Federal Fluminense, trazem o artigo *Trajectoria diacrônica do conector “com isso” no português*. Em sua contribuição, os autores descrevem o desenvolvimento histórico da sequência *com isso* em português, adotando a proposta de Traugott e Trousdale (2013) de Construcionalização e Mudanças Construcionais. Partindo da hipótese de que o adjunto adverbial *com isso* tenha sofrido, com o tempo, mudanças construcionais que o levaram a se construcionalizar como conector (supra) oracional, os autores investigam instâncias do português provenientes de corpora variados.

A quinta e última contribuição deste número da Revista Linguística, intitulada *Uso do futuro do subjuntivo na construção condicional de conteúdo do espanhol*, é de autoria de Keren Betsabe González Rodríguez, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No artigo, Keren investiga o uso da construção de prótase condicional composta pela sequência especificada na forma [Se (X) fuere Y] nas variedades argentina, paraguaia e uruguaia do espanhol. Segundo a autora, ainda que alguns estudiosos considerem que a forma de subjuntivo em espanhol tenha caído em desuso no decorrer do tempo, essa forma ainda pode ser observada em contextos específicos, como é o caso da prótase condicional supramencionada, na qual demonstra alguma produtividade. Nesse sentido, apoiando-se nas contribuições fornecidas pela GCBU, a autora busca caracterizar a manutenção da forma de futuro do subjuntivo no espanhol, localizada no contexto da condicional de conteúdo de algumas variedades do idioma.

Boa leitura!

Referências

- BARDDAL, J. *et al.* *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Standford: CLSI Publications, 2000.
- BECKNER, C. *et al.* Language is a complex adaptive system. *Language Learning* 59: Suppl. 1, pp. 1-26, 2009.
- BÖRJARS, K.; NIGEL, V.; WALKDEN, G. On constructing a theory of grammatical change. *Transactions of the Philological Society*, v. 113, n. 3, pp. 363-82, 2015.

BYBEE, J. *Language, Usage, and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. A. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DABROWSKA, E. Experience, aptitude and individual differences in linguistic attainment: a comparison of native and nonnative speakers. *Language Learning*, v. 69, Issue S1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/lang.12323>

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E. DIVJAK, D. (eds) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110292022>.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language* v. 64, n. 3, pp. 501-38, 1988.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2019.

HILPERT, Martin. *Constructional Change in English: Developments in Allomorphy, Word Formation, and Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. *Ten lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden/Boston: BRILL, 2021.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 139-57, 1987.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.), *Usage-based Modes of Language*. Stanford: CSLI Publications, pp. 1-63, 2000.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition. *Applied Linguistic*, v. 18. n. 2, pp. 141-65, jun. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/18.2.141>.

MARQUES, P. M.; ALONSO, K. S. B.; PINHEIRO, D.O.R. Do signo à construção: o legado saussuriano e as abordagens construcionistas da gramática. *Revista Gragoatá* (UFF), v. 22, pp. 1149-771, 2017.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language* v. 14, pp. 177-202, 2007.

PINHEIRO, D. O. R. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.) *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. 1. ed. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016, pp. 20-41.

PINHEIRO, D.O.R.; SILVA, A. S.; FREITAS JR, R. Gramática de Construções Baseada no Uso. *Revista SOLETRAS* v. 45, n. 1, pp. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.75349>.

SCMID, H. *The Dynamics of the Linguistic System - Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth C., and Graeme Trousdale. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. (Near) mergers in constructional change: the history of the English discourse markers NONETHELESS and NEVERTHELESS. Palestra online dada no *IV CONECT Virtual*, Niterói: UFF, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/P75JOdcJ2fc>.